

Fundador
ABEL GOMES PÓLVORADirector e Editor
MANUEL DOS SANTOS LEITERedacção e Administração — Telef. 229133
Rua da República, n.º 59 — SESIMBRAComposto e impresso
O. S. J. — LISBOA-3

A PONTE DE LISBOA

Em 1966 inaugura-se a Ponte de Lisboa, uma das maiores do Mundo, cuja construção durou quatro anos e custou cerca de 2,5 milhões de contos.

Esta a nova efeméride inscrita na História de Portugal, ontem, 6 de Agosto, após a passagem do cortejo presidencial de Almada para Lisboa, fecho feliz da festiva inauguração realizada na Praça da Portagem, que teve a culminá-la a bênção da majestosa Ponte pelo Cardeal Patriarca de Lisboa.

Valoriza-se a Nação e aumentou-se a sua História.

Mas importa salientar que, para além do acontecimento, do engenho dos homens que a conceberam e realizaram, dos números de custo e rentabilidade, das vantagens e comodidades que trouxe — a Ponte de Lisboa ficará, sobretudo, a assinalar a determinação e o querer de Portugal.

Terá de recordar-se, sempre, haver sido tomada a decisão de construir tão custosa, como grandiosa obra, quando já estavam acesas e lavravam com a maior intensidade, as labaredas do terrorismo internacional, empenhadas no roubo infamante de parcelas

muito queridas da Pátria.

Já nessa altura o sangue lusitano corria, como em raras épocas da nossa história; e o melhor da juventude portuguesa combatia bravamente nas mais inospitas terras africanas.

Já nessa altura a parte maior dos recursos materiais da Nação, sustentava uma guerra que, dada a peculiaridade dos tempos presentes, tinha de travar-se, também, nas chancelarias e nos areópagos internacionais.

Tudo parecia desaconselhar a tomada de outros encargos, pois todos saíam, a curto ou a longo prazo, do corpo da Nação. Mas a própria natureza da luta que por imperativo nacional estavam a travar, obrigava o País a não perder o seu ritmo normal de vida. Havia, até, que acelerá-lo na medida de todas as nossas possibilidades.

Os planos de fomento sofreram um maior impulso. Iniciaram-se novos empreendimentos cujas execuções decorreram paralelamente com as de outros já encetados. Desde então o País conheceu, com efeito, tanto no sector público

como no sector privado, tanto na Metrópole como no Ultramar, acréscimos evidentes de potencialidades efectivas, até então em estado mais ou menos latente.

Verificavam-se, em última análise e em níveis desconhecidos, as consequências benéficas da inteligente e sólida administração de Salazar, ponte de partida para que a determinação e o querer da Nação Portuguesa, surgissem, como outrora, com a rigidez do aço e a certeza na vitória final.

À ponte suspensa de aço que, em Lisboa, liga hoje as margens do majestoso rio que inspirou Camões e embalou as naus da grande aventura das descobertas, não podia, nem devia ser dado outro nome que não fosse o de Salazar — fidelíssimo intérprete da determinação e do querer Lusíadas.

* * *

Como tinha de ser os sesimbrenses viveram o acontecimento com a maior vibração e muita expectativa, aumentada, ainda, pela circunstância do Chefe de Estado

(Continua na pág. 2)

No passado dia 2 do corrente, Sua Eminência o Senhor Cardeal Patriarca de Lisboa recebeu, no Paço Patriarcal, em audiência privada, uma comissão de sesimbrenses, a qual entregou a Sua Eminência o documento que a seguir transcrevemos na íntegra, após o ter lido:

Senhor Cardeal Patriarca de Lisboa — Eminência: — Desejamos, antes de mais, manifestar o nosso reconhecimento a Vossa Eminência, pela honra concedida ao receber-nos, gratíssima aos nossos sentimentos de respeito pelo venerando Bispo que, assim, mostra compreensão pela atitude discordante de alguns dos seus diocesanos, relativamente às alterações introduzidas na Igreja Matriz de Sesimbra.

É-nos sobretudo grato verificar que, desta maneira, não tiveram eco as acusações que nos são atiradas e que re-

OBRAS DA IGREJA

pelimos na mais sã paz de espírito, até por entendermos não estarem em causa os sentimentos de cada um, nem os seus valores, mas, apenas, razões divergentes.

Das razões dos presentes, dos que subscreveram a exposição — que tanto desejamos entregar-Vos pessoalmente — e dos muitos mais que não tiveram possibilidade de a assinar e de estar aqui connosco, já tem conhecimento Vossa Eminência — razões que suscitaram o mais profundo desgosto pelas obras realizadas e pelo modo como se processaram.

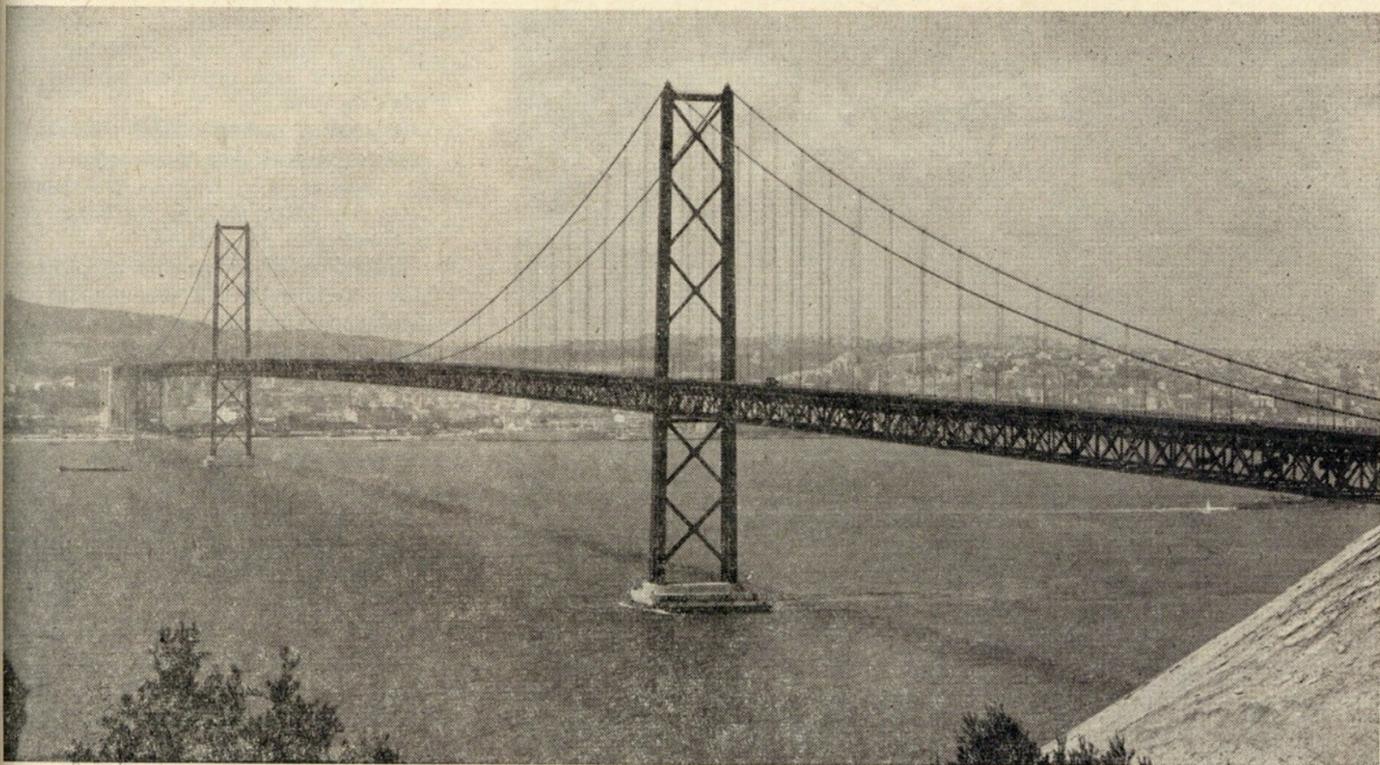
Continuamos sem compreender como se poderá falar em restauro de um Templo, a que foram retiradas as lajes seculares que lhe serviam de pavimento e transferido o baptistério coevo da sua construção.

Continuamos sem entender como se possa invocar as normas da Constituição Sobre a Sagrada Liturgia, para justificar tais mutilações, além da desnecessária mudança das teias laterais, da parcial demolição dos altares e de painéis de azulejos e do arrancamento das escadas do púlpito.

Com efeito, do espírito e da própria letra daquela Constituição — nomeadamente do artigo 37 — parece inferir-se com toda a clareza, a preocupação de não sacrificar, injustificadamente, os testemunhos secularmente consagrados, à observância do novo estilo litúrgico.

Entretanto o tempo decorreu e as obras consumaram-se. Como se tanto não bastasse já, para perturbar os nossos espíritos e ferir as nossas almas, verificamos agora, com aumentada mágoa, que aos materiais arrancados parece ter sido dado um destino menos consentâneo com a dignidade das suas sagradas e tradicionais funções. É que, Senhor Cardeal Patriarca, não ignoramos dever-se à piedosa intervenção de dois bons cristãos, não estarem a servir agora de capeamento às rampas da praia e a

(Continua na pág. 2)



A Ponte de Lisboa

(continuação da 1.ª pág.)

ter permanecido em Sesimbra, desde a tarde de sexta-feira até à hora do início das cerimónias da inauguração.

Embora sem carácter oficial, a presença do Senhor Presidente da República, não passou despercebida e foi sempre rodeada de manifestações de respeito e carinho pela população da Vila. Essas manifestações tiveram a sua maior expressão na manhã de sábado, quando através das ruas festivamente engalanadas, o cortejo presidencial tomou o caminho de Almada.

É muito grato a «O Sesimbrense» registar nas suas colunas um facto de tanto relevo e recordar que, para além de se assinalar pela primeira vez a presença do Chefe de Estado, depois da implantação da República, ao Senhor Almirante Américo Tomaz, devem Sesimbra e os seus pescadores intervenções de rara compreensão e justiça, em momentos cruciais das suas vidas.

Talvez não...

Talvez não seja aconselhável transigir com o comodismo anti-regional dos que solicitam adiamento da limpeza dos prédios nesta Vila de Sesimbra tão necessitada, entre outras coisas, duma larga caiadela. Parece que a maioria dos cinco que viram deferido o requerimento de prorrogação não pode com verdade invocar dificuldades de ordem financeira inibitórias dessa obrigação de contribuírem para a limpeza e bom aspecto da terra.

Qualquer monte alentejano onde o turismo passa de largo, situando-se a léguas da sede do concelho e a centenas de quilómetros dos planos regionais, urbanísticos, directores, pilotos e outras coisas mais, mantêm brancas e impolutas as fachadas modestas que nenhum zelador municipal espreita com olho suspicaz. Não falando da Nazaré, de Óbidos, de Peniche, do Ofir, das vilas piscatórias do Norte, do Sul e do Centro do país, de qualquer aglomerado de poucas casas debruçadas sobre o Atlântico...

Vamos, senhores proprietários de Sesimbra: encomendem quanto antes o balde de cal para que não acabe por vir acompanhado, tarde e a más horas, das três badaladas sinistras. Porque então o morto chamar-se-á Turismo.

E. R.

Para os Pobres

Por intenção de sua falecida esposa, Maria Gregório da Cruz Chagas, recebemos do nosso estimado conterrâneo e assinante Sr. Aquilino Chagas, a importância de 50\$00, destinada aos pobres de «O Sesimbrense». Em nome dos contemplados, agradecemos.

OBRAS DA IGREJA

(Continuação da pág. 1)

outros profanos destinos, as lajes tumulares levantados do chão da velha igreja. Seria mais um triste testemunho da maneira como as gerações actuais respeitam e conservam um património venerado por tantas gerações que lhes antecederam, construído preservado e enriquecido à custa de lágrimas e sacrifícios que só Deus pode conhecer.

Creia Vossa Eminência, Senhor Cardeal Patriarca, que muito nos desgosta, igualmente, haver a sincera, embora sempre respeitosa, expressão das nos-

Eminência personificadas, poderia dar aos nossos legítimos anseios. Queremos com isto dizer, Senhor Cardeal Patriarca, que o mesmo povo de Sesimbra em cuja memória está ainda presente o entusiasmo com que outrora Vos aclamou na sua igreja, espera agora que Vossa Eminência restitua à harmonia primitiva, as pedras santas onde foram sacramentados os avós dos seus avós, as pedras eloquentes que falam da sua fé de todos os tempos.

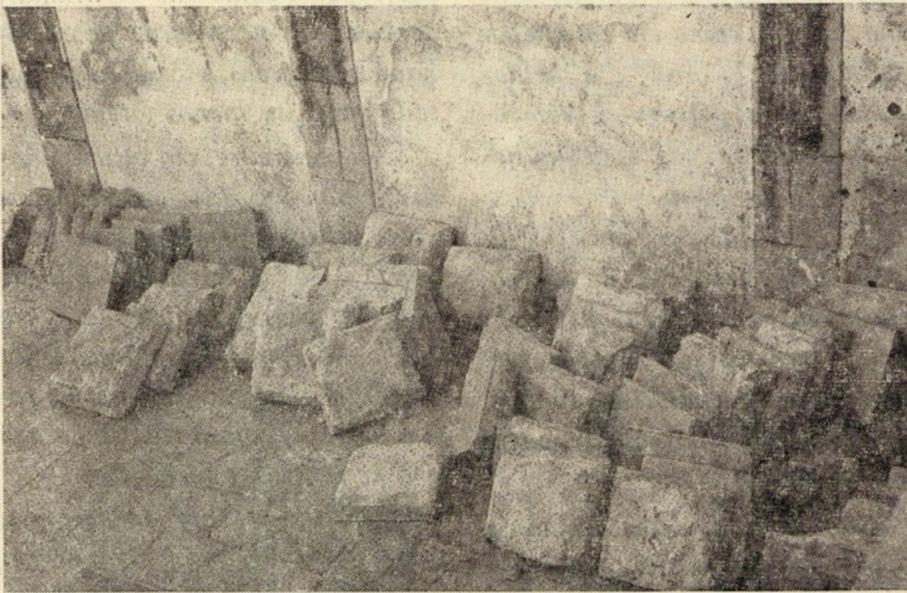
Lisboa, 2 de Agosto de 1966

O Senhor Cardeal que gentilmente

Afirmou, depois, que a sua aprovação às obras a realizar na nossa Matriz, só a deu por ter ouvido pessoas cultas e qualificadas, esclarecendo, ainda, haver sido informado que pertenciam ao cemitério e não ao Templo as lajes Tumulares do pavimento do mesmo.

Teve palavras de louvor para os que amam o Templo («Deo Gratias», exclamou), como obra de arte e como lugar de oração, e referindo-se ao perigo de se confundir fé e superstição, terminou dizendo: «no próximo dia 14 irei ver com os meus olhos o que foi feito».

Participaram na conversa alguns membros da comissão, e o nosso Director ofereceu a Sua Eminência uma colecção dos números de «O Sesimbrense» onde o assunto tem sido tratado



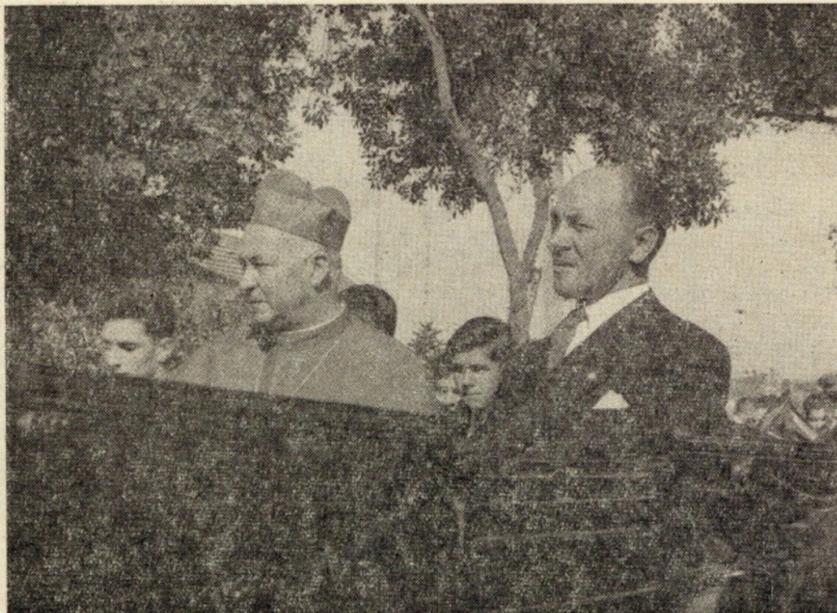
Sob estas pedras quizeram fazer até à Ressurreição Final os nossos maiores

razões, servido de pretexto a uma polémica que de modo algum desejamos. Desgosta-nos que assim possa ter acontecido, porque bem sabemos, Eminência, que, pela delicadeza e gravidade dos factos em causa, não poderiam de tal polémica sair vitoriosos uns e outros vencidos. A derrota viria a pertencer, seguramente, a todos nós!

Eis por que se iluminaram de esperança os nossos corações, ao tomarmos conhecimento de que Vossa Eminência decidira deslocar-se, em data próxima, a Sesimbra. Iluminaram-se os nossos corações, porque eles confiam que dessa visita resulte a única resposta que a inteligência, a magnanimidade e justiça cristãs, por Vossa

recebeu os nossos conterrâneos, começou por justificar a demora havida na recepção em tempo solicitada e agora concedida, em virtude de haver estado ausente das tarefas do Patriarcado; sendo este — disse o meu primeiro dia livre de há mais de um mês a esta parte, é a vós que concedo a minha primeira audiência.

Fecendo depois várias considerações sobre o culto da arte e o culto devido a Deus afirmou serem sagrados as paredes e os pavimentos dos Templos, e sobre o desnudamento dos mesmos — como em tempos não muito recusados foi infelizmente praticado por alguns serviços públicos — manifestou a sua discordância.



Agora que se anuncia a visita a Sesimbra de S. E. o Cardeal Patriarca de Lisboa, esta fotografia já tem o sabor de um documento histórico. Nela se mostra S. E., ladeado pelo então Presidente do nosso Município, Eng. José Braz Roquette, em um dos dias gloriosos que S. Eminência aqui viveu.



Sob a presidência do Sr. Dr. Pedro de Sousa e Holstein Beck, realizou-se a sessão ordinária da Câmara Municipal de 20 de Julho de 1966, tendo comparecido os vereadores Srs. José da Silva e José Silva Nunes da Costa.

Foram deferidos os requerimentos de: Francisco Pereira Marques, para construção de duas habitações — tipo, CMS no lugar de Azóia;

Manuel Aparício, para construção de uma garagem, em Sampaio;

Manuel da Silva Cachão, para aumento do número de fogos no estudo de construção, na zona nascente da vila;

José Coelho Pinto, para ocupar a via pública com esplanada, na Charneca da Cotovia;

Francisco Cascais e Herdeiros de José Joaquim Pascoal, prorrogando o prazo para limpeza do seu prédio;

Maria Carolina Gonçalves Rodrigues de Branco Cerqueira, prorrogando o prazo para limpeza do seu prédio;

José Caetano da Silva e Clotilde Júlia Barbosa da Silva, prorrogando, o prazo para limpeza do seu prédio;

Clotilde Júlia da Silva, prorrogando o prazo para limpeza do seu prédio;

Emília da Cruz Duarte Gomes, prorrogando o prazo para limpeza do seu prédio.

Outras deliberações:

Adquirir à Sociedade Electro-Mecânica de Automóveis, Ld.ª, um novo Jeep, trocando-o com o existente;

Adquirir uma máquina para os Serviços de Obras;

Cobrar a taxa de 2\$50 pela ocupação de parques de estacionamento;

Autorizar a restituição de depósito feito por Joaquim Almeida Botas, para a construção de passeios;

Submeter superiormente as propostas dos correntes para a pavimentação da Esplanada Comandante Henrique Tenreiro e Rua Heliodoro Salgado, por ultrapassarem o orçamento;

Restituir ao empreiteiro Joaquim de Sousa Brito, Ld.ª o depósito de garantia pela obra de ampliação da rede de águas a nascente da vila;

Autorizar a passagem de 42 guias de responsabilidade para doentes pobres; e autorizar pagamentos no valor de 80 contos.

GAZCIDLA

Militares de Sesimbra O Rio, a Estrada e a Ponte

— Flora e Fauna de Angola

— Correio

Prosseguindo hoje os nossos apontamentos geográficos sobre a província ultramarina de Angola, prestamos agora a nossa atenção ao revestimento vegetal e à fauna deste território depois de, no último número, nos termos ocupado com a sua hidrografia.

Os elementos climáticos em Angola, os quais dependem muito da distribuição do relevo, influem decisivamente no revestimento vegetal. Este faz-se de acordo com as três zonas de relevo já aqui apontadas: a litoral, a montanhosa e a planáltica.

Na zona litoral, baixa e seca, predominam as halófitas (plantas dos terrenos salgados), as plantas gordas ou espinhosas, as enfórbias (árvores que se assemelham a candelabros), as acácias e os embondeiros. Na região montanhosa (zonas pluviosas do Centro e do Norte) e em Cabinda predomina a floresta, destacando-se nesta as palmeiras. Na zona planáltica, de menos humidade que a anterior, abundam as florestas em galeria, seguindo os rios e as savanas, e onde vivem plantas aromáticas.

Para o sul, a secura aumenta e diminui a temperatura. Neste caso, aparece a estepe e a vegetação desértica. No deserto de Moçâmedes, além de uma escassa vegetação herbácea, há tufos de espinheiros e a célebre «Welwitschia Mirabilis», planta de raízes compridíssimas, de folhas rastejantes e duras como sola, para evitar a transpiração (um autêntico caso de auto-defesa de um ser vivo para se adaptar ao ambiente em que vegeta...). O deserto de Moçâmedes é limitado a leste pela Serra de Chela, onde a vegetação é variada e exuberante.

As plantas cultivadas em Angola são o milho, o feijão, a mandioca, o café, a cana sacarina, o algodoeiro, o sisal, o arroz, a batata doce, o tabaco, etc.. As grandes plantações situam-se na transição do litoral para a zona média. Nas plantas desenvolvem-se muito bem todas as culturas próprias das zonas temperadas (cereais, legumes, árvores de fruto), além das tropicais.

Quanto à fauna, ela é abundante. Eis alguns nomes dos animais que existem em Angola, muitos deles prejudiciais ao homem ou às suas culturas: chimpazés, gorilas e outros macacos; leões, leopardos, panteras, hienas, elefantes, girafas, zebras, antílopes, pacaças e rinocerontes; serpentes venenosas e a gibóia; insectos perigosos, como a mosca tsé-tsé (propagadora da doença do sono, embora haja muita boa gente que não necessita dela para andar quase sempre «a dormir»...). Alguns dos animais atrás referidos têm utilidade, especialmente para a caça, embora não se trate bem da mesma coisa que caçar

lebres algures nos arredores de Sesimbra...

A abelha e a galinha do mato são muito úteis. Nos rios, vivem o hipopótamo e o crocodilo. O chimpazé e o gorila só existem no norte do território, enquanto a mosca tsé-tsé vive a norte de Benguela (porto situado na costa ocidental). O gado bovino adapta-se bem nas regiões do sul (Moçâmedes e Huila), onde constitui a principal riqueza.

O mar angolano é muito rico, tal como a costa da nossa terra, em peixe (carapau, sardinha, cavala, pescada, atum, etc.) e crustáceos; também abunda a baleia.

E, por hoje, é só, já que, embora lentamente para não enfasiar, vamos dissertando sobre os variados aspectos geográficos de Angola. Da próxima vez, o tema será — população e principais centros urbanos.

— CORREIO

José Rosa Miranda Gago — Angola.

Cá recebemos a sua carta de 16 de Junho findo, com a «entrevista a longa distância» e a respectiva fotografia, as quais serão publicadas no próximo número desta secção. Agradecemos os seus amáveis cumprimentos e endereçamo-lo aqui os nossos melhores desejos de felicidades.

António Carlos dos Santos Saloio — Angola.

O nosso amigo António Carlos tem que compreender não ser nosso intuito defraudar as suas ambições de versador, mas o certo é que os versos que nos tem enviado não se encontram em condições (ao menos suficientes) para serem publicadas num Jornal. Gostaríamos de explicar-lhe pessoalmente os motivos mais que evidentes para procedermos de tal maneira, mas, como é impossível, pode acreditar na nossa boa vontade de agradar e se não satisfazemos os seus desejos... é porque não pode ser mesmo. Valeu?

Para os familiares deste soldado aqui fica a sua saudação, expressa em muitos abraços; diz que tem muitas saudades da família mas que se encontra bem.

Director de 'O Sesimbrense'

Ex.mo Senhor:

Mais um ano de prestimosa vida conta o «SESIMBRENSE», excelente jornal de sua criteriosa direcção, facto por que muito me apraz vir felicitar V. Ex.^a e os seus distintos colaboradores, aproveitando o ensejo para desejar as maiores prosperidades a esse periódico, por cuja oferta a esta Biblioteca reitero os meus agradecimentos.

Com elevada estima, firmo-me,

De V. Ex.^a

O Director da Biblioteca
António Vítor Guerra

A banda da Sociedade Musical Sesimbrense no Barreiro e na Cova da Piedade

A banda de música da Sociedade Musical Sesimbrense desloca-se no próximo dia 15 de Agosto à laboriosa vila do Barreiro, onde, além de tomar parte na tradicional procissão em honra de Nossa Senhora do Rosário, efectuará o habitual concerto.

Também no dia 22 de Agosto, a citada Banda realizará um concerto na Cova da Piedade, por ocasião dos festejos em honra de Nossa Senhora da Piedade.

Há dois caminhos de Lisboa para Sesimbra (escrevemos antes da inauguração da ponte): atravessar o rio ou, pela amostra feita, da futura auto-estrada do Norte, alcançar a recta do Cabo e seguir por Setúbal. No penúltimo dia de Julho, sábado e fim do mês, pelas dezoito horas, no Cais do Sodré, a «bicha» de automóveis cujos condutores aguardavam oportunidade de pagar um serviço público que além de mau é caro (alguém saberá explicar-nos o que se ganhou com o adicional para a A. G. P. L.?) levou-nos a estimar uma demora de, pelo menos, duas horas para entrar num daqueles anacrónicos «ferry-boats» que fizeram as delícias dos nossos pais amantes de burricadas na Outra Banda. Assim nos decidimos pela alternativa e, sem o sonharmos, pela mais inverosímil aventura rodoviária.

A estrada (!) que, no cruzamento a seguir à ponte onde termina a recta do Cabo, tem uma placa indicativa de ser aquele o caminho para Setúbal, é inqualificável. Confessamos ter recorrido à consulta do dicionário, mas não encontramos termo que se lhe aplique com propriedade. O único recurso seria o palavrão. Uma sucessão de pequenas crateras estendendo-se por dez ou quinze quilómetros, algumas com quarenta ou cinquenta centímetros de fundo, é pálida imagem da realidade. Às tantas, fomos advertidos por uma placa de que estava vedada ao trânsito a Ponte das Enguias. Quilómetros andados (melhor dizendo: saltados), placa idêntica repetia o aviso. Esta situava-se na bifurcação para o Infantado, local onde, se a ponte das enguias tivesse alguma coisa de comum com o nosso percurso, de certo estaria uma indicação de desvio para Setúbal. Este foi o raciocínio que fizemos e não nos custa aceitar a reincidência: já tínhamos pensado antes que a sucessão de crateras seria uma estrada. Mas somos por natureza optimistas e esta hipótese de três ludíbrios seguidos (barco, estrada e ponte) pareceu-nos exagero. Assim chegámos à das enguias — que ficava efectivamente no caminho para Setúbal. Era necessário voltar atrás, justamente à bifurcação onde devia ter sido colocada a indicação do desvio para Setúbal, mas onde apenas estava a segunda placa avisando da impossibilidade de atravessar a ponte. Como se o viaduto das eirós fosse obra de arte com renome mundial, ou figurasse, destacada, nas cartas de estradas. Perguntámos aos operários quem era o autor da gracinha e informaram-nos de que era o «senhor engenheiro». Deve tratar-se dalgum pescador desportivo a quem os simpáticos cantoneiros atribuem engenharias para além da cana e do carreto.

Valham-nos São Cristóvão e o Sr. Filipe Nogueira — o primeiro porque é santo e o segundo porque já merecia sê-lo. Mas a verdade é que «a coisa (assim) não vai».

Exm.º Senhor Director do Jornal

«O SESIMBRENSE»

SESIMBRA

Na passagem do aniversário, em 24 do mês corrente, do Jornal que V. Ex.^a tão distintamente dirige, tenho a honra de fazer presentes as felicitações do Secretariado Nacional da Informação, com votos de longa e proveitosa vida.

A BEM DA NAÇÃO
Secretariado Nacional da Informação,
21 de Julho de 1966
O DIRECTOR DOS SERVIÇOS
DE INFORMAÇÃO
(CAETANO DE CARVALHO)

Ao fim e ao cabo, não foram as duas horas e meia de andamento, nem mesmo a avaria do carro, o que mais nos entristeceu: foi o ar abatido daquele turista francês que por nós cruzou zigzagando a «voiture», ora subindo ora descendo nas craterazinhas intermináveis da estrada maldita. O olhar que nos lançou ao tombarmos em sentidos convergentes, numa atracção irresistível das respectivas carroçarias, tinha a profundidade agónica do mais desesperado apelo à solidariedade humana. Só achámos forças para torcer o volante e murmurar baixinho: «pas ma faute». E trambulhámos a quarenta e cinco graus na cova seguinte.

E. R.

Dr. David Sequerra

Concluiu recentemente o seu curso de Ciências Históricas, da Faculdade de Letras de Lisboa, o nosso muito estimado amigo e distinto colaborador David Sequerra.

Ao assinalar o acontecimento, e com o maior júbilo o faz, a Redacção de «O Sesimbrense» recorda com satisfação o facto de David Sequerra — que viria a revelar um jornalista de grande mérito — ter publicado os seus primeiros trabalhos nas colunas do nosso jornal, como também a sua dedicada e preciosa colaboração dos últi-



mos tempos, só interrompida pelas exigências das múltiplas e absorventes tarefas em que reparte a sua actividade quotidiana, aumentadas ainda com a conclusão do curso.

Sesimbrense pelo coração, David Sequerra dedica particular estima à vida e problemas da nossa terra, que frequenta desde os tenros anos, e onde conta com inúmeras amizades.

Ao Dr. David Sequerra as nossas felicitações com os votos duma longa e brilhante carreira.

O nosso Aniversário

Do Director dos Serviços de Informação do S.N.I., e do Director da Biblioteca Municipal da Figueira da Foz, recebemos amáveis ofícios de felicitação pela passagem do nosso aniversário, atenção que muito agradecemos.